Visintin, C. D. N., Assis, N. D. P., Sampaio, J. P., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2017). “Cantamos, logo existimos”: Considerações psicanalíticas preliminares sobre um filme brasileiro. In Anais da 15ª Jornada APOIAR: O procedimento de Desenhos-Estórias na clínica e na pesquisa: 45 anos de percurso (pp. 307–319). Laboratório de Saúde Mental e Psicologia Clínica Social – APOIAR, Instituto de Psicologia da USP.

“CANTAMOS, LOGO EXISTIMOS”: CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS PRELIMINARES SOBRE UM FILME BRASILEIRO

Carlos Del Negro Visintin

Natália Del Ponte de Assis

João Paulo Sampaio

Tânia Aiello Vaisberg

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo investigar psicanaliticamente o imaginário coletivo relativo a mulheres negras em situação de precariedade social, justificando-se como busca de produção de conhecimento compreensivo sobre dimensões afetivas e emocionais subjacentes a discriminações presentes na sociedade brasileira contemporânea. Organizando-se ao redor do método psicanalítico, abordou, como material de pesquisa, uma produção cinematográfica brasileira que tematiza manifestamente as questões em estudo. Após sucessivas exposições ao filme, em estado de atenção flutuante e associação livre de ideias, um campo de sentido afetivo-emocional denominado “Cantamos, logo existimos” foi interpretativamente produzido. Este campo se organiza ao redor da crença de que a vida só adquire sentido quando inclui dedicação a atividades pessoalmente significativas, que faz as pessoas se sentirem plenamente presentes em seu viver. O quadro geral pode ser pensado, à luz do pensamento winnicottiano, como derivado de reconhecimento intuitivo acerca da importância do gesto espontâneo na vida individual.

Palavras-chave: Sofrimentos sociais; Precariedade social; Mulheres negras; Imaginário coletivo.

Considerações sobre Mulheres Negras em Precariedade Social

O presente estudo tem como objetivo investigar o imaginário coletivo relativo a mulheres negras em condição de precariedade social, inscrevendo-se como produção de conhecimento que se justifica diante de nosso interesse por sofrimentos emocionais socialmente determinados (Aiello-Vaisberg, 2017).

Vigorou, durante muito tempo no nosso país, uma ideia segundo a qual viveríamos numa democracia racial (Munanga, 2017). Apenas mais recentemente, vem-se firmando, desde a Constituição de 1988, a percepção de que o Brasil não está isento do preconceito étnico-racial (Godinho, 2009). Desse modo, uma questão em particular nos chamou a atenção, tendo em vista a sua importância para a melhor compreensão da sociedade brasileira contemporânea e as suas repercussões na clínica institucional: a discriminação contra mulheres negras que, predominantemente, vivem em condição de precariedade social.

Lembremos, inicialmente, o conceito de sofrimentos sociais para melhor delimitação do nosso problema de pesquisa. A fim de nos situarmos em contextos brasileiros e sul-americanos, com vistas à produção de conhecimento compreensivo, entendemos sofrimentos sociais como aqueles que decorrem de situações de opressão, discriminação e exclusão, engendrando sentimentos de desamparo, humilhação, injustiça, vergonha e culpa (Ambrosio, Aiello-Fernandes & Aiello-Vaisberg, 2013). Com este conceito, viemos, como grupo de pesquisa, a desenvolver pesquisas cujas temáticas não são, à primeira vista, entendidas como sofrimentos sociais, como, por exemplo, a maternidade (Schulte, 2016; Visintin & Aiello-Vaisberg, 2017) ou a adolescência (Assis, Aiello-Fernandes & Aiello-Vaisberg, 2016). Deste modo, é nítida a possibilidade de pesquisar, na qualidade de sofrimentos sociais, preconceitos contra mulheres negras em situação de precariedade social.

Como teorizou Crenshaw (2002), estudar algum fenômeno de modo interseccional corresponde a compreender que duas ou mais formas de opressão que se sobrepõem, ou seja, que se interseccionam. Desse modo, é possível se aproximar de dramáticas de pessoas que sofrem por pertencerem simultaneamente a diferentes grupos sociais oprimidos. Tal conceito se mostra relevante, uma vez que nos permite abarcar de modo mais preciso e rigoroso a

experiência das pessoas, via de regra, exploradas e humilhadas, no caso deste estudo, de mulheres negras em condição de precariedade social.

Gonzalez (1983) abaliza que existiriam, basicamente, três estereótipos brasileiros contra a mulher negra: a mulata, a doméstica e a mãe preta. Detalhando cada uma destas noções, a mulata representa uma mercadoria, ou seja, a mulher negra seria um objeto a ser negociado e explorado. A representação de doméstica origina-se no período da escravidão no Brasil e estaria vinculada ao exercício de funções laborais na casa-grande. Entretanto, para além do trabalho doméstico forçado, incluiria a violência sexual. A mãe preta, por sua vez, considerada como amável e inofensiva, representaria o que seria esperado da mulher negra: a resignação e aceitação sem resistência contra as condições opressoras.

Hooks (1995) dissertou sobre a sexualização da imagem da mulher negra. Socialmente, esta seria vista como um ser menos desenvolvido e dotado de uma perigosa natureza que precisaria ser governada e controlada. Outra concepção, igualmente deturpada, seria a da “mãe negra”, ou seja, aquela naturalmente mais apta a cuidar de terceiros, incluindo aqueles que não são seus filhos. Estas visões, que se calcam no machismo e racismo, consistem em estereótipos acerca da mulher e seu lugar inferiorizado na sociedade. Fernandes (2016), convergentemente, discorreu que o racismo e o sexismo contra mulheres configuram-se como modos de desvalorização dos sujeitos, que, portanto, serão considerados como “pessoas de segunda classe”. Ponderamos, assim, que a inferiorização de grupos minoritários, como mulheres negras de baixa renda, revela-se como fenômeno que clama por transmutação, para o qual a psicologia pode contribuir significativamente.

No que tange à situação de precariedade social, sabemos que a sociedade brasileira é profundamente marcada por desigualdades socioeconômicas e que, via de regra, a maioria da população negra se encontra nesta condição. Entretanto, como discorre Aiello-Fernandes (2013, p. 105), “a ascensão social não implica no fim da discriminação, pois a população negra não é prioritariamente atingida por sua condição social de pobreza, de classe ou precariedade econômica, mas por seus traços e aparência física”.

Considerando fundamental uma melhor compreensão do sofrimento emocional derivado de preconceitos interseccionais de gênero, étnico-raciais e socioeconômicos, que pode contribuir para a proposição de intervenções clinicas, bem como para transformações sociais, estabelecemos o objetivo de investigar psicanaliticamente o imaginário coletivo relativo a mulheres negras em condição de precariedade social. Escolhemos, como material, um longa metragem que retrata a iniciativa de quatro mulheres negras pobres, que são oprimidas e excluídas do ponto de vista social. Desse modo, expressam suas vivências na periferia da cidade de São Paulo e se unem para cantar, fazendo disso uma profissão, quando possível.

Estratégias Metodológicas

Fundamentação teórica

Esta pesquisa configura-se como um estudo qualitativo com uso do método psicanalítico. Conforme discorreram Freud (1922) e Herrmann (1979), o método psicanalítico, do ponto de vista lógico, coloca-se anteriormente à prática clínica e à criação de teorias. Dessa maneira, fica evidente que o método psicanalítico pode ser utilizado com rigor na clínica e na pesquisa qualitativa que toma como material condutas humanas emergentes de contextos diferentes do *setting* clássico de atendimento, como, por exemplo, documentários (Chinalia, 2017), *blogs* (Schulte, Gallo-Belluzzo & AielloVaisberg, 2016) e desenhos-estórias com tema (Assis, 2014).

O uso do método psicanalítico demanda a observação das regras fundamentais que o regem: associação livre de ideias e atenção flutuante. Configura-se, desse modo, uma perspectiva que preza a polifonia de sentidos, típica das perspectivas qualitativas. Este método exige uma máxima abertura ao acontecer humano, permitindo que se constele todo e qualquer tipo de emoção no encontro entre o pesquisador e o fenômeno, na medida em que convida a um desapego de crenças e teorias previamente conhecidas.

Todos os psicanalistas, desde a criação da psicanálise, fazem uso do mesmo método. Cabe clarificar que o método psicanalítico é único. Contudo, dá origem a conhecimentos que podem ser formulados sob um dos dois

paradigmas da psicanálise: energético-pulsional ou vincular-relacional (Greenberg & Mitchell, 1983). Como bem demonstrou Politzer (1928/2004), nunca houve, desde os escritos freudianos, uma psicanálise puramente metapsicológica, mas, na verdade, sempre existiu uma dimensão clínica, dramática e relacional. Se, por um lado, há aqueles que consideram a vigência destes dois paradigmas como benéfica e profícua, por outro, há aqueles, dentre os quais nos incluímos, que ponderam que tal coexistência introduz imprecisões na produção de conhecimento, uma vez que mistura diferentes concepções antropológicas. Assim, a psicologia concreta se encontra sob a égide do paradigma relacional da psicanálise, que preconiza o abandono de compreensões abstratas sobre os fenômenos humanos. Destaca-se, contudo, de outras vertentes relacionais por exigir a consideração de contextos sociais mais amplos para compreendermos os vínculos.

A bem do rigor metodológico, é necessário que clarifiquemos os conceitos utilizados para organizar a pesquisa, além da operacionalização do método, aqui disposto por meio de procedimentos investigativos. Os conceitos são: conduta, campo de sentido afetivo-emocional e imaginário coletivo e os procedimentos investigativos são: de seleção, encontro e interpretação do material, além de finalizarmos a pesquisa com as interlocuções reflexivas.

José Bleger (1963/1989), como leitor de Politzer (1928/2004), defende que a psicologia deveria ocupar-se da dimensão afetiva e emocional da conduta. A seu ver, a conduta corresponde a toda e qualquer manifestação humana que se expressa em três áreas: mental, corporal e/ou de atuação no mundo externo. A amplitude do fenômeno pode ser compreendida no âmbito do indivíduo, o de grupo e o de instituições, como práticas ou normas.

Desde a perspectiva da psicologia concreta, a conduta emergiria de campos, denominados campos de sentido afetivo-emocional, que entendemos como inconscientes intersubjetivamente plasmados. Nesta acepção, o inconsciente não é concebido como instância intrapsíquica, mas como espaço de sentido determinado pelos vínculos humanos. Não equivale, portanto, ao recalcado da teoria freudiana, para tornar-se algo que se criva em registros sensíveis e pré-reflexivos da vida humana (Aiello-Vaisberg & Machado, 2008). Deste modo,

definimos os campos de sentido afetivo-emocional como substrato afetivo, de caráter inerentemente relacional, que subjaz às condutas humanas.

Ao assumirmos o imaginário como conduta, sob a acepção que o termo assume sob a pena de Bleger (1963/1989), pretendemos compreender não apenas aspectos relacionados à imaginação enquanto atividade psíquica propriamente dita, que, no contexto da psicologia da conduta, deve ser identificada como manifestação própria da área mental ou simbólica. Isso porque o imaginário também pode se expressar sob forma de alterações corporais e/ou como ações sobre o mundo externo. Um exemplo pode ser esclarecedor. Pensemos que um imaginário paranoide sobre pessoas pobres pode se expressar como atividade psíquica na qual o outro pode figurar como perigoso, como aceleração cardíaca quando a pessoa um mendigo se aproxima ou pela ação de atravessar a rua para afastar-se. Essas condutas seriam, no contexto em que nos movemos, condutas imaginativas que, expressando-se em diferentes áreas, emergiriam a partir de campos – fundos ou substratos afetivo-emocionais – configurando, por seu turno, novos mundos vivenciais, que se tornam dramaticamente habitados.

Como se pode perceber, no contexto teórico em que nos encontramos, o termo imaginário coletivo não designa aquilo que é meramente especular, representacional ou falso. Serve, na verdade, para referir realidades humanamente produzidas, que configuram ambientes, mundos, vale dizer, lugares nos quais a vida acontece (Barreto & Aiello-Vaisberg, 2010; Fialho, Montezi, Ambrosio & Aiello Vaisberg, 2013).

Procedimentos investigativos

A fim de facilitar a comunicação com pesquisadores que ou aderem a diferentes referenciais metodológicos, ou que estão interessados na temática, operacionalizamos o método psicanalítico em três processos investigativos:

1. Procedimento investigativo de seleção do material
2. Procedimento investigativo de encontro com o material

3. Procedimento investigativo de interpretação do material

Finalizamos a pesquisa com as interlocuções reflexivas. Neste momento, suspendemos o cultivo da associação livre de ideias e da atenção flutuante, ou seja, do método psicanalítico, na medida em que visamos tecer uma discussão teorizante de cunho reflexivo sobre os achados de pesquisa, ou seja, os campos de sentido afetivo-emocional, à luz de outros autores, psicanalíticos ou não.

Para cumprir o procedimento investigativo de seleção do material, tomamos o filme “Antônia” (Amaral, 2007) como material de pesquisa. Nós o escolhemos, uma vez que a produção cinematográfica atende a alguns critérios, que se justificam na medida em que nos permitem a acessar a temática em estudo. Os critérios aqui utilizados são:

1. Apresentar manifestamente situações referentes a sofrimentos sociais envolvendo mulheres negras em precariedade social
2. Ser um filme nacional
3. Ter sido realizado no século XXI

Dando continuidade ao nosso trajeto de pesquisa, cumprimos o procedimento investigativo de encontro com o material na medida em que assistimos sucessivas vezes ao filme em estado de atenção flutuante e associação livre de ideias. Para o uso comprometido do método psicanalítico, há necessidade de uma suspensão provisória de doutrinas previamente conhecidas de modo a não sobrepor teoricamente o que nos é comunicado no encontro com o filme e, assim, permitir que escutemos o material o mais livremente possível.

No que se refere ao procedimento investigativo de interpretação do material, discutimos grupalmente tanto o filme como as nossas associações para que pudéssemos chegar interpretativamente aos determinantes emocionais das condutas humanas, ou seja, criar/encontrar os campos de sentido afetivo-emocional. Inspiramo-nos nas palavras de ordem de Herrmann (1979), que podem ser consideradas como guias para criação da interpretação psicanalítica: “deixar que surja”, “tomar em consideração” e “completar a configuração do sentido emergente”.

Para finalizarmos o desenho da pesquisa, tecemos as interlocuções reflexivas que correspondem a uma revisitação das interpretações. Nesta fase do trabalho, dialogamos com outros autores, psicanalíticos ou não, que nos auxiliem na compreensão do plano de fundo inconsciente, ou seja, os campos, no qual se entretecem os fenômenos humanos (Ferreira-Teixeira, GalloBelluzzo & Aiello-Vaisberg, 2014).

Campo de Sentido Afetivo-Emocional e Interlocuções Reflexivas

Uma primeira aproximação deste material de pesquisa motivou-nos a propor interpretativamente um campo de sentido afetivo-emocional que denominamos “Cantamos, logo existimos”. Este campo se organiza ao redor da crença de que a vida só adquire sentido quando inclui dedicação a atividades pessoalmente significativas, que faz as pessoas se sentirem plenamente presentes em seu viver. No filme, o cantar corresponde a esse tipo de atividade.

Podemos afirmar que as linhas gerais do filme, enquanto narrativa, podem ser consideradas como conjunto de condutas que emergem a partir desse campo. A produção retrata a história de quatro mulheres, jovens, negras e pobres, que cantam em um grupo de *rap* na periferia da cidade de São Paulo. Diversos atritos e dificuldades ocorrem, mas a vontade de cantar juntas faz com que se unam, apesar dos desafios. Elas contam com ajudas e enfrentam muitos obstáculos, tais como opressões machistas, dificuldades vinculadas ao fato de habitarem uma periferia pobre e até envolvimento com crime e recolhimento prisional, que colocam à prova suas vontades, sonhos e amizade, mas não se desviam da certeza de que é fundamental manter a capacidade de cantar.

Devemos clarificar que buscamos compreender este campo por meio de algumas contribuições winnicottianas, que fazem parte da chamada virada relacional da psicanálise, movimento psicanalítico que pretende, a grosso modo, compreender as dimensões afetivas e emocionais dos fenômenos humanos a partir dos vínculos estabelecidos com o mundo real (Greenberg & Mitchell, 1983). A visão winnicottiana acerca do verdadeiro *self*, concebido como lugar teórico no qual teria origem o gesto espontâneo (Winnicott, 1960/1983), constitui-se, a nosso ver, como uma chave para a compreensão do que o campo criado/encontrado veicula. Como preconizou Winnicott

(1960,1975, 2004), o gesto espontâneo, que se define como verdadeiro *self* em ação, emergiria a partir de um ambiente suficientemente bom, sustentador. O encontro do potencial para ser com a sustentação viabilizaria a criatividade e o sentimento de sentir-se vivo e real.

Quando tomamos a situação do bebê na família nuclear como modelo, ficamos facilmente com a impressão de que o gesto espontâneo deve ser estudado em termos do despontar de uma subjetividade pessoal nascente, a do bebê, no contexto da relação com cuidadores primários. Contudo, no caso do filme, o gesto espontâneo, expresso pelo cantar, traz em si um convite de compartilhamento. Por este motivo, o campo de sentido afetivo-emocional interpretativamente proposto não é enunciado na primeira pessoa do singular, mas na do plural. Assim, a atividade espontânea e significativa é tempo singular – pois cada voz tem timbre único – mas ao mesmo tempo congrega outras vozes. O gesto espontâneo surge, assim, sob nova luz, como movimento que se esboça e se sustenta coletivamente.

No filme, o cantar se conforma como expressão artística capaz de tornar o ambiente do grupo propício para a expressão da pessoalidade de suas integrantes. Por meio do cantar, sustentado pelo apoio mútuo, as participantes do grupo musical “Antônia” tornam a realidade pessoal mais suportável e o dia a dia se revela mais prazeroso. Entretanto, marcamos que no imaginário do filme essa transformação não ocorre em nível macrossocial, uma vez que o coletivo se limita às relações de amizade e familiares.

Cabe lembrar que o ambiente humano não é homogêneo, que os âmbitos familiar e social costumam ser bastante divergentes, complexos e multifacetados. Há famílias que podem estar mal situadas em contextos sociais, mas se configuram como ambientes saudáveis para seus integrantes. Há também seu inverso, ou seja, famílias que estão organizadas de modo violento e truculento, mas inseridas em ambientes sociais suficientemente bons. No caso do filme, há sinais de uma heterogeneidade social muito intensa. Encontramos aí uma articulação entre ambientes macrossociais, que se caracterizam por pobreza, desigualdades sociais profundas, relações com evidente opressão contra a mulher, com ambientes familiares e comunitárias

onde grassam conflitos, mas onde se pode, também, usufruir de amizade, lealdade, apoio e compreensão. Um interjogo delicado, rico e complexo se articula entre a interseccionalidade da condição das personagens, como pessoas que vivem numa sociedade sexista e racista, em um país marcado por desigualdade socioeconômica (Morgan, 2017), e a vivência de vínculos afetivos e solidários.

Pensamos que não existe uma segurança definitiva de que as pessoas permanecerão existencialmente integradas e criativas ao longo da vida, especialmente se viverem situações de invasão de *self*, mesmo que, quando crianças, tenham sido atendidas satisfatoriamente (Botelho-Borges & AielloVaisberg, 2011). A partir do estilo clínico Ser e Fazer (Ambrosio, 2013), não deixamos de valorizar a vida emocional infantil, porém, atendendo a algumas demandas preconizadas por Bleger (1963/1989) e Politzer (1928/2004), não a superestimamos, segundo uma tendência teórica bastante comum. Ao privilegiarmos o drama devidamente situado, podemos compreender que o campo de sentido afetivo-emocional "Cantamos, logo existimos" reflete a potencialidade dos vínculos humanos solidários na medida em que fortalecem as pessoas para transformar a realidade.

À guisa de conclusão, cabe ressaltar que o brincar permite a expressão de si mesmo, somente possível em um ambiente suficientemente bom que acolhe tal gesto (Winnicott, 1975). O campo "Cantamos, logo existimos" versa, em última instância, do potencial transmutativo da criatividade de situações adversas e agressivas.

Referências

Aiello-Fernandes, R. (2013). *"Da entrada de serviço ao elevador social": Racismo e sofrimento.* (Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.

Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2017). Estilo Clínico ser e fazer: resposta críticopropositiva a despersonalização e sofrimento social. *Boletim - Academia Paulista de Psicologia, 37*(92), 41-62.

Aiello-Vaisberg, T. M. J. & Machado, M. C. L. (2008). *Pesquisa psicanalítica de imaginários coletivos à luz da Teoria dos Campos.* Disponível online em:

http://serefazer.psc.br/pesquisa-psicanalitica-de-imaginarios- coletivos-aluz-da-teoria-dos-campos/

Amaral, T. de. (Diretora). (2007). *Antônia – O filme*. [DVD].

Ambrosio, F. F. (2013). *O estilo clínico "Ser e Fazer" na investigação de benefícios clínicos e psicoterapias.* (Tese de doutorado). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.

Ambrosio, F. F., Aiello-Fernandes, R. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2013). Pesquisando sofrimentos sociais com o método psicanalítico: considerações conceituais. *Anais da XI Jornada Apoiar: adolescência: Identidade e sofrimento social na clínica social*, p. 174-188.

Assis, N. D. P. (2014). *Problemáticos ou Invisíveis: O imaginário coletivo de idosos sobre adolescentes.* (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.

Assis, N. D. P., Aiello-Fernandes, R., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2016). 'Problemáticos ou Invisíveis': o imaginário coletivo de idosos sobre adolescentes. *Memorandum (Belo Horizonte), 31*, 259-275.

Barreto, M. A. M. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2010). O tornar-se adulto no imaginário coletivo de adolescentes interioranos. *Psicologia em Revista, 16*(2), 310-329.

Bleger, J. (1989). *A psicologia da conduta.* Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1963).

Botelho-Borges, A. A. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2011). Desenvolvimento de capacidades e gestualidade espontânea. *Paidéia (Ribeirão Preto), 21*(49), 257-262.

Chinalia, M. J. S. (2017). *"Cadê o leite do meu neto?": A relação entre os crimes de bagatela e o sofrimento social.* (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.

Crenshaw, K. (2002). A intersecionalidade da discriminação de raça e gênero. *Revista Estudos Feministas*, (1), 7-16.

Fernandes, D. A. (2016). O gênero negro: apontamentos sobre gênero, feminismo e negritude. *Revista Estudos Feministas, 24*(3), 691-713.

Ferreira-Teixeira, M. C., Gallo-Belluzzo, S. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2014). O Imaginário da adoção homoparental no filme "Patrick 1.5". *Anais da XII Jornada Apoiar*, p. 144-157. em: http://serefazer.psc.br/o-imaginario-daadocao-homoparental-no- filme-patrik-1-5/

Fialho A., Montezi A. V., Ambrosio F. F. & Aiello-Vaisberg T. M. J. (2013). O imaginário coletivo de estudantes de educação física sobre vida saudável, *Revista brasileira de Ciências do esporte, 36*(3). 626-631.

Freud, S. (1922). Two encyclopedia articles. In S. Freud. *Beyond the Pleasure Principle, Group Psychology and Other Works*, Standard Edition, v. 18. London: The Hogarth Press and The Institute of Psycho-Analysis.

Godinho, R. O. (2009). Normas e redistribuição: um estudo sobre condicionantes internacionais das políticas de combate ao racismo no Brasil. *Revista Brasileira de Política Internacional, 52*(1), p. 71-88.

Gonzalez, L. (1983). "Racismo e sexismo na cultura brasileira". In L. A. Silva et al. *Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos*. Brasília: Ciências Sociais Hoje, ANPOCS, n. 2, p. 223-244.

Greenberg, J. R. & Mitchell, S. A. (1983). *Object Relations in Psychoanalytic Theory*. Cambridge, MA, and Londo, UK: Harvard University Press.

Herrmann, F. (1979). *O Método da Psicanálise*. São Paulo: EPU.

Hooks, B. (1995). Intelectuais negras. *Estudos Feministas, 3*(2), 464-478.

Morgan, M. (2017). *Extreme and Persistent Inequality: New Evidence for Brazil Combining National Accounts, Surveys and Fiscal Data, 2001-2015.* Disponível em http://wid.world/wpcontent/uploads/2017/09/Morgan2017BrazilDINA-.pdf .

Munanga, K. (2017). As ambiguidades do racismo à brasileira. In N. M. Kon, M. L. da Silva, & C. C. Abud. (Orgs). *O racismo e o negro no Brasil – Questões para a psicanálise.* Perpectivas: São Paulo.

Politzer, G. (2004). *Crítica dos fundamentos da Psicologia: Psicologia e psicanálise.* São Paulo: UNIMEP. (Original publicado em 1928).

Schulte, A. A. (2016). *Maternidade contemporânea como sofrimento social em blogs brasileiros.* (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.

Schulte, A. A., Gallo-Belluzzo, S. R., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2016). Postagens em blogs pessoais: aproximação do acontecer humano em pesquisas psicanalíticas. *Psic. Rev. São Paulo,* 25(2), 227-241.

Visintin, C. D. N. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2017). Motherhood and social suffering in Brazilian mommy blogs. *Psicologia: Teoria e Prática, 19*(2), 108-116.

Winnicott, D. W. (1975). *O Brincar e a Realidade.* Rio de Janeiro: Imago.

Winnicott, D. W. (1983). Distorções do ego em termos de falso e verdadeiro self. In D. W. Winnicott. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional.* Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1960).

Winnicott, D. W. (2004). *The spontaneous gesture.* Cambridge, Mass.: Harvard University Press.